

**A evolução da estrutura social brasileira**  
**Notas metodológicas**

**Waldir Quadros**

**Texto para Discussão. IE/UNICAMP**  
**n. 147, novembro 2008.**

ISSN 0103-9466

# A evolução da estrutura social brasileira

## Notas metodológicas

Waldir Quadros <sup>1</sup>

### 1 A estrutura ocupacional individual

#### Apresentação

Já no curso de graduação em economia na FEA-USP, no início dos anos 1970, me sentia fortemente atraído para o estudo da estrutura social brasileira. Ainda que minhas referências analíticas para a abordagem desta problemática carecessem de melhor sistematização, tinha uma clara convicção: não trilharia a abordagem da economia neoclássica, que trata os membros de uma sociedade como indivíduos ou consumidores genéricos que se diferenciam basicamente por seu poder aquisitivo.

Ou seja, não adotaria a prática corrente, não só entre economistas, de hierarquizar a sociedade tão somente por estratos de rendimentos. Assim sendo, ao prosseguir meus estudos fui buscar nos clássicos (Smith, Ricardo, Marx e Weber) as referências conceituais para o entendimento da sociedade (capitalista) como formada por classes e camadas sociais.

Entretanto, ao procurar avançar na compreensão da sociedade brasileira no meu mestrado no IE-UNICAMP, no final dos anos 1970, fui alertado para a necessidade de construir mediações históricas e teóricas entre aquelas referências gerais e a análise da situação concreta.

Entre as várias alternativas debatidas em nosso meio naquela época, uma em particular me cativou e dela nunca mais me afastei. Trata-se da abordagem proposta por Wright Mills,<sup>2</sup> que encontra no estudo da **estrutura ocupacional** uma aproximação operacional do conceito de classes sociais nas condições vigentes em uma sociedade (e economia) capitalista avançada e complexa. Ou seja, em economias capitalistas que implantaram as estruturas produtivas criadas pela II Revolução Industrial.

---

(1) Professor colaborador do Cesit (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho) e do IE/UNICAMP.

(2) Cf. Mills (1969).

Desde então nos inspiramos na forma como Wright Mills define e constrói a estrutura ocupacional de uma economia capitalista moderna para desenvolver uma estrutura equivalente para o Brasil, levando em conta as possibilidades e limitações oferecidas pelos inquéritos domiciliares do IBGE (Censo Demográfico e PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios).

### Os grupos ocupacionais

Para os propósitos desta apresentação vamos nos limitar à versão final (ou atual?) desta construção metodológica suprimindo os passos das tentativas anteriores.<sup>3</sup>

Em primeiro lugar, agrupamos os indivíduos ocupados segundo sua situação na ocupação, de acordo com a metodologia do IBGE para a PNAD. Para ilustrar, em 2006 este universo de indivíduos que se encontravam ocupados na semana do inquérito totalizava o número de 87,6 milhões de pessoas,<sup>4</sup> que declaram uma renda média de R\$ 918 reais (a preços de outubro de 2007).<sup>5</sup>

A primeira divisão deu-se entre empregadores e não empregadores de mão de obra assalariada. Com isso foi constituído o grupo ocupacional dos proprietários **empregadores** (A), que se subdivide em dois: aqueles com mais de 10 empregados assalariados (A1) - no total de 504 mil indivíduos, com renda média declarada de R\$ 6.619 – e aqueles com até 10 (A2), respectivamente 3.432 mil e R\$ 2.797.

Em segundo lugar, entre os não empregadores uma agregação evidente diz respeito à massa de ocupações agrícolas, definindo-se os grupos ocupacionais dos **pequenos agricultores familiares** (H1) – 3.636 mil e R\$ 573 –, dos **trabalhadores autônomos agrícolas** (H2) – 402 mil e R\$ 363 –, dos **trabalhadores assalariados agrícolas** (H3) – 4.328 mil e R\$ 380, dos **trabalhadores não remunerados agrícolas** (J2)<sup>6</sup> – 7.102 mil e R\$ 143, que subdividem-se em dois grupos: um com jornada de trabalho semanal maior ou igual a 15 horas – 3.510 mil e R\$ 73 – e outro com jornada inferior a

---

(3) Cf. Quadros (1985; 1991; 2003). Cabe registrar que os avanços mais importantes ocorreram a partir de 1998 com a utilização sistemática dos microdados da PNAD, que só foi possível com a estreita e indispensável colaboração do estatístico e (posterior) doutor em desenvolvimento econômico pelo IE-UNICAMP, Alexandre Gori Maia.

(4) Para efeito de compatibilização da série de dados desde 1981 nesta descrição não será incluído o Norte rural, contemplado na PNAD a partir de 2004.

(5) Sempre será utilizado como deflator o INPC corrigido pelo IPEA para ser aplicado na PNAD.

(6) Basicamente membros da família que auxiliam nas tarefas da pequena agricultura familiar e aqueles dedicados à produção para auto consumo.

15 horas semanais – 1.958 mil com renda média de R\$ 386 e 1.634 mil com renda nula.

Entre os demais não empregadores que se diferenciam desta massa agrícola foram separados os **trabalhadores domésticos (I)** – 6.716 mil e R\$ 368 –, e os **trabalhadores não remunerados não agrícolas (J1)**<sup>7</sup> – 1.841 mil e R\$ 145 –, que subdividem-se em 1302 mil e R\$ 101 com jornada de trabalho semanal igual ou superior a 15 horas e 539 mil com jornada inferior a 15 horas semanais (151 mil com renda média de R\$ 905 e 388 mil com renda nula).

Desagregando um pouco mais estes grupos, encontramos entre os trabalhadores domésticos as seguintes ocupações principais: empregadas domésticas – 5.948 mil e R\$ 363, babás e acompanhantes de idosos – 608 mil e R\$ 322, cozinheiras – 66 mil e R\$ 551 e motoristas particulares – 46 mil e R\$ 800.

Entre os trabalhadores não remunerados com algum rendimento, que se trata fundamentalmente de familiares que auxiliam no pequeno negócio urbano, destacam-se os que atuam em estabelecimentos comerciais – 444 mil e R\$ 77 – e no comércio ambulante – 66 mil e R\$ 23 –, bem como aqueles que trabalham em bares e restaurantes, a saber, garçons – 129 mil e R\$ 58 – e cozinheiros – 41 mil e R\$ 71.

Já identificados estes grupos ocupacionais mencionados, “sobrou” o “núcleo duro” das ocupações urbanas: os trabalhadores assalariados, o trabalho autônomo e o pequeno negócio familiar.

Buscando avançar um pouco mais na identificação deste conjunto numeroso (60 milhões de ocupados) e bastante heterogêneo de ocupações, procuramos distinguir aquelas com perfil de “colarinhos brancos”, seguindo a abordagem desenvolvida por Wright Mills. Desta forma, constituíram-se os grupos ocupacionais dos **colarinhos brancos assalariados (D)** – 24.877 mil e R\$ 1.372 – e dos **colarinhos brancos autônomos (C)** – 4.792 mil e R\$ 1.469. Simultaneamente foram definidos os **trabalhadores assalariados (G)** – 20.400 mil e R\$ 631 – e os **trabalhadores autônomos (F)** – 9.592 mil e R\$ 672. Cabendo registrar que em ambos os casos os autônomos englobam também os ocupados no pequeno negócio familiar urbano.

Entretanto, diferentemente dos grupos ocupacionais anteriormente apresentados, formados por um número relativamente pequeno de ocupações, este amplo contingente de pessoas requer uma melhor qualificação. Ou seja, faz-se

---

(7) Além dos auxiliares no pequeno negócio familiar inclui os indivíduos dedicados à autoconstrução.

necessário uma segmentação interna aos vários grupos, hierarquizando em camadas as ocupações que os compõem.

Antes, porém, de abordar a estratificação das ocupações apresentamos na Tabela 1 o resumo dos grupos ocupacionais anteriormente mencionados.

Tabela 1  
Estrutura Ocupacional  
Brasil - 2006

Grupos ocupacionais	Nº pessoas (mil)	Renda média (R\$)*
A-1 Empregadores com mais de 10 empregados	504	6.619
A-2 Empregadores com até 10 empregados	3.432	2.797
C “Colarinhos brancos” autônomos	4.792	1.469
D “Colarinhos brancos” assalariados	24.877	1.372
F Trabalhadores autônomos	9.592	672
G Trabalhadores assalariados	20.400	631
I Trabalhadores domésticos	6.716	368
J-1 Trabalhadores não remunerados urbanos	1.841	145
H-1 Proprietários conta própria agrícolas	3.636	573
H-2 Trabalhadores autônomos agrícolas	402	363
H-3 Trabalhadores assalariados agrícolas	4.328	380
J-2 Trabalhadores não remunerados agrícolas	7.102	143
Ocupação ignorada	6	622
Total de ocupados	87.629	918

(\*) valores em outubro/2007, deflator: INPC corrigido, IPEA.

### A estratificação das ocupações

Depois de várias tentativas adotamos os rendimentos médios declarados como critério de estratificação das ocupações.

Ao estabelecermos as linhas de corte para os rendimentos declarados tomamos como referência o salário mínimo, assumindo que os indivíduos ocupados que declaram uma remuneração inferior ao mesmo podem ser classificados como sub-remunerados ou “miseráveis”. Em janeiro de 2004, data base desta definição, o valor vigente do salário mínimo era de R\$ 240,00. Com o intuito de captar os indivíduos com rendimentos declarados muito próximos deste valor, fixamos o piso em R\$ 250,00 (que era o valor aproximado do salário mínimo corrigido pelo INPC, de R\$ 253,00). Subindo na escala social adotamos de forma impressionista múltiplos deste piso para

as linhas de corte superiores.<sup>8</sup> E, da mesma forma que procedemos com os miseráveis, associamos as várias faixas de rendimentos declarados a distintas representações de “padrões de vida”, tal como se apresenta a seguir.

Faixas de rendimentos(*)	“padrões de vida”
Acima de R\$ 2.500	Alta classe média
R\$ 1.250 a R\$ 2.500	Média classe média
R\$ 500 a R\$ 1.250	Baixa classe média
R\$ 250 a R\$ 500	Massa trabalhadora
Abaixo de R\$ 250	Miseráveis

(\*) valores em janeiro/2004.

É importante destacar que em 1º de outubro, momento de apuração dos rendimentos da PNAD de 2004, o valor atualizado da linha de corte é de R\$ 261,70, portanto situando-se ainda um pouco acima do valor do salário mínimo vigente nesta data (R\$ 260). Este detalhe terá uma importante implicação diante da evolução real do salário mínimo. Em poucas palavras, com o reajuste em abril de 2005 bem acima da variação do INPC, na PNAD de 2005 a situação se inverte e o salário mínimo ultrapassa a linha de corte inferior, provocando uma significativa redução do contingente de miseráveis. No momento oportuno retomaremos este ponto bastante relevante para a análise da evolução da estrutura social recente.

Antes de aplicarmos estes critérios na estratificação dos grupos ocupacionais é importante abriremos um rápido parênteses tal como procedemos, por exemplo, no artigo “A dinâmica da classe média”<sup>9</sup>: “... frequentemente nas apresentações da metodologia somos indagados sobre onde estão os ricos nesta estrutura social. A resposta é que os ricos não estão incluídos. Como sabem os pesquisadores do IBGE e estudiosos mais avisados, é algo extremamente raro conseguir-se aplicar o questionário em domicílios de ricos. E mesmo nos casos estatisticamente irrelevantes de sucesso, o mais provável é que o entrevistado dissimule sua condição social transmitindo um perfil de (alta) classe média.

---

(8) Merece registro que na definição das demais linhas de corte tomamos como referência algumas ocupações típicas de classe média. Assim, a faixa correspondente à alta classe média por definição deveria, por exemplo, conter os professores do ensino superior. Da mesma forma, os professores do ensino médio deveriam ser contemplados na média classe média; e, os professores do ensino fundamental, auxiliares de enfermagem, escriturários e balconistas, na baixa classe média.

(9) Cf. Dupas (2007).

Assim sendo, quem estiver interessado em pesquisar esta diminuta fração da nossa sociedade deve recorrer a outras fontes de dados quantitativos ou qualitativos. De nossa parte, entendemos que devido às suas dimensões esta omissão não macula a imagem da sociedade brasileira que pode ser obtida dos inquéritos domiciliares, desde que conscientes da mesma. Em outras palavras, a estratificação social não é comprometida significativamente.

Porém, do ponto de vista da distribuição de renda as implicações são muito mais sérias. Em particular, é decisivo levar em conta que, entre várias omissões, a mais relevante é que não estão contemplados os rendimentos e benefícios oriundos da posse e gestão da **riqueza** (juros, dividendos, participações, ganhos imobiliários, benefícios indiretos e etc.). E, como sabemos, são justamente estes ganhos que tem sido preservados e mesmo expandidos nesta longa fase de estagnação produtiva. Desta forma, a renda captada pela PNAD (e Censo Demográfico) refere-se ao que ‘sobra’ após a apropriação pelos detentores da riqueza nacional. Tal circunstância deveria, no mínimo, levar a uma explícita relativização do significado dos estudos correntes sobre concentração e desigualdade que utilizam estas fontes de dados primários.”

Adicionalmente cabe alertar sobre o “significado (que) podemos atribuir aos rendimentos **declarados** pelos entrevistados nos inquéritos domiciliares realizados pelo IBGE. Em nosso entendimento a renda declarada deve ser tomada como uma **representação** contida e dissimulada que o entrevistado transmite a um estranho, agente do Estado. Desta forma, trata-se de algo fluido, mais próximo de uma pesquisa de opinião. Entretanto, se esta informação não deve ser tomada como uma estimativa segura dos rendimentos efetivamente auferidos, pode ser utilizada para segmentar a estrutura social. De fato, os rendimentos declarados se revelam fortemente relacionados com os demais indicadores de qualidade de vida levantados nos referidos inquéritos (infra-estrutura domiciliar, escolaridade e etc.)” (Maia, 200).

Fechando o parênteses, vamos agora aplicar os referidos critérios, inicialmente atualizando as linhas de corte para outubro de 2007, que é a data base adotada nesta apresentação.

Faixas de rendimentos(*)	“padrões de vida”
Acima de R\$ 2.964,67	Alta classe média
R\$ 1.482,33 a R\$ 2.964,67	Média classe média
R\$ 592,93 a R\$ 1.482,33	Baixa classe média
R\$ 296,47 a R\$ 592,93	Massa trabalhadora
Abaixo de R\$ 296,47	Miseráveis

(\*) valores em outubro/2007, deflator: INPC corrigido, IPEA.

Em seguida vamos apresentar a composição dos grupos ocupacionais dos colarinhos brancos e dos trabalhadores, hierarquizando as principais ocupações que os compõem com base nas linhas de corte acima.

O primeiro grupo é o dos **colarinhos brancos assalariados**, cuja estratificação das ocupações é apresentada a seguir.

Tabela 2  
Estratificação das ocupações de “colarinhos brancos” assalariados  
Brasil - 2006

Estratos sociais	Nº ocupados (mil)	%	Renda média (R\$)*
Alta classe média	1.737	7,0	4.260
Média classe média	5.508	22,1	2.057
Baixa classe média	16.690	67,1	903
Massa trabalhadora	942	3,8	559
Miseráveis	-	-	-
Total	24.877	100,0	1.372

\*Preços de out.2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Como se observa, neste numeroso grupo ocupacional há uma forte concentração no estrato social associado à baixa classe média, cujas ocupações englobam 67% dos ocupados.

Em seguida são apresentadas as principais ocupações que compõem cada estrato social, aqui assumidas como aquelas com mais de 100 mil ocupados.

Tabela 2.1  
Principais ocupações de “colarinhos brancos” assalariados com padrão de  
Alta Classe Média

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
2340 Prof Ens Superior	207.504	4.290
3514 Serventuár da Just e Afins	206.008	3.010
2522 Contadores e Auditores	181.558	3.644
2231 Médicos	163.764	6.488
2124 Analistas de Sistemas	150.668	3.188

\*Preços de out.2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 2.2  
Principais ocupações de “colarinhos brancos” assalariados com padrão de  
Média Classe Média

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
1310 Ger Prod e Oper	759.270	2.122
1320 Ger Áreas de Apoio	738.568	2.598
2321 Prof Ens Médio	368.272	1.933
0413 Cabos e Soldad da Pol Militar	265.778	1.596
4101 Spv Serv Adm(-Contab e Contr)	242.885	1.570
1123 Dir Áreas Apoio Adm Púb	227.351	2.610
2394 Progr, Aval e Orien de Ens	221.228	1.861
4102 Spv Serv Contáb,Fin e Contr	198.702	1.567
2410 Advogados	197.945	2.679
5172 Polic e Guardas de Trânsito	180.963	1.778
1220 Dir Áreas Prod e Oper	137.771	2.644
2235 Enfer de Nív Sup e Afins	129.805	2.352
2516 Assist Soc e Econom Domést	107.867	1.521
3511 Téc Contabilidade	101.804	1.697

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 2.3  
Principais ocupações de “colarinhos brancos” assalariados com padrão de  
Baixa Classe Média

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	3.683.690	657
4110 Escrit,Ag,Assist e Axl Adm	2.167.027	958
4221 Recepcionistas	774.161	643
2313 Prof Nv SP 5ª a 8ª Sér Ens Fund	711.605	1.444
4141 Almojarifes e Armazenistas	642.470	770
4121 Secret de Exped e Estenógr	626.690	823
3312 Prof nv Md no Ens Fundam	582.335	819
3222 Téc e Auxil de Enfermagem	580.780	1.056
3541 Repres Com e Téc de Vend	571.521	1.361
5173 Vigil e Guardas de Segurança	500.851	837
7102 Spv da Construção Civil	326.767	938
3522 Ag da Saúde e do M Amb	311.787	672
4131 Escrit de Contabilidade	295.009	1.036
4223 Op de Telemarketing	266.008	670

Continua...

Tabela 2.3 Continuação

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
3513 Téc Administração	236.004	1.093
3311 Prof Nv Md na Ed Infantil	224.744	675
4132 Escrit de Finanças	216.087	1.093
2312 Prof Nv SP 1ª a 4ª Sér Ens Fund	215.585	1.279
4122 Operad de Máq de Escritório	192.292	740
3134 Téc Eletrônica	182.516	1.135
5151 Aten de Enf, Part Prát e Afns	175.311	921
0200 Militares do Exército	172.380	1.345
4222 Telefonistas	159.088	667
2523 Secret Execut e Bilingües	137.689	1.185
3912 Téc Controle da Prod	134.102	1.264
4142 Escrit de Apoio a Produção	133.605	688
3131 Téc Eletric e Eletrotéc	127.777	1.186
3171 Téc Programação	125.538	1.398
3321 Prof Leigos no Ens Fundam	123.852	688
3189 Desenh Téc e Modelistas	109.722	1.179
3341 Inspe de Alunos e Afins	106.986	801
3331 Inst e Prof de Esc Livres	105.784	807

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Por fim, no pequeno contingente de ocupações com padrão de vida equivalente ao da massa trabalhadora, ou seja, abaixo do menor padrão de vida associado à classe média, destacam-se duas ocupações: a ocupação 4211 Caixas e bilheteiros (exceto caixas de bancos) – 641 mil e R\$ 567 – e a ocupação 4123 Contínuos – 237 mil e R\$ 554.

O segundo grupo ocupacional é formado pelas ocupações de **colarinhos brancos autônomos**, com a seguinte estratificação:

Tabela 3  
Estratificação das ocupações de “colarinhos brancos” autônomos  
Brasil – 2006

Estratos sociais	Nº ocupados (mil)	%	Renda média (R\$)*
Alta classe média	535	11,2	4.071
Média classe média	877	18,3	2.270
Baixa classe média	3.344	69,8	880
Massa trabalhadora	35	0,7	450
Miseráveis	1	-	224
Total	4.792	100,0	1.469

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Verifica-se que também no caso dos autônomos manifesta-se forte concentração de ocupações na baixa classe média, um pouco mais acentuada inclusive do que entre os assalariados. Entretanto, neste grupo ocupacional a alta classe média é relativamente mais ampla e a massa trabalhadora é inexpressiva.

Na camada associada à alta classe média destacam-se, por possuir mais de 50 mil pessoas, as ocupações 2410 Advogados – 215 mil e R\$ 3.847 – e 2232 Cirurgiões dentistas – 65 mil e R\$ 3.588.

Na média classe média os destaques ficam com as ocupações 3541 Representantes comerciais e técnicos de vendas – 290 mil e R\$ 2.480, 3546 Corretores de imóveis – 83 mil e R\$ 2.441 – e 2522 Contadores e auditores – 52 mil e R\$ 2.782.

Na baixa classe média destacam-se as seguintes ocupações:

Tabela 3.1  
Principais ocupações de “colarinhos brancos” autônomos com padrão de  
Baixa Classe Média

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	2.119.365	917
2625 Des Ind,Escult,Pint e Afins	358.893	689
7102 Spv da Construção Civil	326.854	653
3331 Inst e Prof de Esc Livres	129.722	815
3134 Téc Eletrônica	119.910	1.004
3762 Músicos e Cantores Pop	62.674	1.158

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Ainda que em proporções reduzidas merece registro a ocorrência de um pequeno grupo de ocupações situadas na camada associada à massa trabalhadora – 35 mil e R\$ 450.

O terceiro grupo é formado pelos **trabalhadores assalariados**, cuja estratificação das ocupações é a seguinte:

Tabela 4  
Estratificação das ocupações de trabalhadores assalariados  
Brasil – 2006

Estratos sociais	Nº ocupados (mil)	%	Renda média (R\$)*
Alta classe média	-	-	-
Média classe média	69	0,3	2.025
Baixa classe média	9.254	45,4	795
Massa trabalhadora	11.022	54,0	487
Miseráveis	55	0,3	255
Total	20.400	100,0	631

\*Preços de out.2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Como se verifica, as ocupações que integram este grupo ocupacional estão ausentes ou são inexpressivas na alta e na média classe média bem como entre os miseráveis. Por outro lado, ainda que se destaque a massa trabalhadora, é bastante significativa a participação do estrato associado à baixa classe média.

Em seguida são apresentadas as ocupações que se destacam nestes dois estratos sociais, aqui assumidas como aquelas com mais de 100 mil ocupados.

Tabela 4.1  
Principais ocupações de trabalhadores assalariados com padrão de  
Baixa Classe Média

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
5174 Guardas e Vigias	1.072.607	692
7825 Cond Veíc Sob RD(Distr de Merc)	896.340	950
7152 Trab de Est de Alvenaria	523.470	607
9144 Mec Man Veíc Automotores	499.192	657
7820 Condu e Op Poliv	402.637	934
7823 Cond Veíc Sob Rodas(Tran Part)	333.651	847
7824 Cond Veíc Sob Rodas(Tran Colet)	326.207	1.017
5161 Trab nos Serv de Hig e Embel	313.707	655
7243 Trb Sold e Cort de Met e de Com	264.467	899
5112 Fisc e Cobrad dos Transp Púb	245.408	647
7244 Trb Caldeir e Serralh	224.994	705
7711 Marceneiros e Afins	203.164	603
8117 Op Inst Máq Prod Plás,Bor e Paraf	190.195	743
7212 Prep e Op Máq-Ferram Convenc	185.161	1.220
7822 Op de Equip de Mov de Cargas	142.787	826
7213 Op de Usin Convenc(Prod Série)	134.624	965
7311 Mont Equip Eletro-Eletrôn	132.330	772
7156 Trab Instal Elétricas	121.678	994
7155 Trab Mont Est Mad,Met e Comp	119.186	638
7321 Ins/Rep LN e Cab El,TI e Com Dad	117.208	876
7151 Trab de Terraplen e Fund	116.895	786
9113 Mec Man Máq Industriais	115.650	1.146
7630 Trb Poliv Ind Conf de Roupas	108.008	621
7233 Trb Pint de Eq,Veíc,Est Met e Com	105.887	763
7731 Op Máq de Desdob de Mad	105.517	602
9913 Manten de Carroç de Veíc	104.958	679

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 4.2  
Principais ocupações de trabalhadores assalariados com padrão de  
Massa Trabalhadora

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
5142 Trb Sv Man e Cnsv Edif e Logr	2.144.184	481
7170 Ajudantes de Obras Civis	1.202.277	383
5132 Cozinheiros	1.013.191	513
5134 Garçons, Barmen e Copeiros	744.989	509
5199 Out Trabal dos Serv	671.019	427
7632 Op Máq de Cost de Roupas	653.905	510
7832 Trab Cargas e Descarg Merc	637.508	508
7841 Trab Embal e Etiquet	458.774	516
5141 Trab Serv de Adm de Edif	342.741	586
8493 Pad, Conf e Op Fab Pães, Mas e Doc	292.422	552
8485 Magarefes e Afins	283.251	565
5221 Reposit, Remarc do Com	276.013	491
5191 Entreg Ext (Exc Carteiros)	265.044	485
7641 Trb Prep Confec de Calçados	213.256	497
5243 Vendedores Ambulantes	147.509	315
7166 Pint Obras e Rev de Int	134.816	565
5162 At Creche e Acomp de Idosos	132.005	540

\*Preços de out. 2007, deflator: INPC corrigido, IPEA.

O quarto grupo ocupacional é formado pelos **trabalhadores autônomos**, cuja estratificação das ocupações é apresentada a seguir.

Tabela 5  
Estratificação das ocupações de trabalhadores autônomos  
Brasil – 2006

Estratos sociais	Nº ocupados (mil)	%	Renda média (R\$)*
Alta classe média	1	-	3.615
Média classe média	509	5,3	1.672
Baixa classe média	5.124	53,4	744
Massa trabalhadora	3.483	36,3	476
Miseráveis	475	5,0	273
Total	9.592	100,0	672

\*Preços de out.2007, deflator: INPC corrigido, IPEA.

Embora a estrutura dos trabalhadores autônomos apresente uma proporção maior de miseráveis, ainda que em níveis baixos, seu perfil é relativamente melhor do

que aqueles dos assalariados, com maior participação da baixa e média classe média e menor da massa trabalhadora.

Na média classe média, as principais ocupações, aqui assumidas como aquelas com mais de 100 mil ocupados, são: 7825 Condutores de veículos sobre rodas (distribuição de mercadorias) – 350 mil e R\$ 1.697, e 7820 condutores e operadores polivalentes – 101 mil e R\$ 1.561.

Nos outros estratos sociais os destaques são apresentados a seguir.

Tabela 5.1  
Principais ocupações de trabalhadores autônomos com padrão de  
Baixa Classe Média

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
7152 Trab de Est de Alvenaria	1.207.770	646
5161 Trab nos Serv de Hig e Embel	882.312	639
7823 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Part)	440.887	1.027
5134 Garçons,Barmen e Copeiros	396.626	760
7166 Pint Obras e Rev de Int	340.485	649
9144 Mec Man Veíc Automotores	213.552	924
5242 Vend em Quiosques e Barrac	172.971	637
7711 Marceneiros e Afins	133.908	880
8493 Pad,Conf e Op Fab Pães,Mas e Doc	133.392	617
7156 Trab Instal Elétricas	130.353	855
7244 Trb Caldeir e Serralh	109.166	897

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 5.2  
Principais ocupações de trabalhadores autônomos com padrão de  
Massa Trabalhadora

Ocupações	Nº Ocupados (mil)	Rd.Méd. (R\$)*
5243 Vendedores Ambulantes	1.299.529	527
7632 Op Máq de Cost de Roupas	477.504	541
5199 Out Trabal dos Serv	264.787	389
5241 Vendedores a Domicílio	242.355	452
7633 Op Máq de Cost-Acab de Roupas	223.942	454
7170 Ajudantes de Obras Civis	192.747	366
5192 Catadores de Sucata	173.928	309
5132 Cozinheiros	164.706	592
7832 Trab Cargas e Descarg Merc	134.441	407

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Finalmente, no estrato associado aos miseráveis os destaques são: 7681 Trabalhadores artesanais da tecelagem (tecidos e tapetes) – 225 mil e R\$ 261 – e 5169 Tintureiros, lavadores e afins, à máquina e à mão – 120 mil e R\$ 279.

Até este momento da construção da nossa metodologia tomamos a **ocupação** como unidade para a definição dos grupos ocupacionais, bem como para a segmentação dos mesmos em camadas. Ou seja, todos os indivíduos que se encontram numa determinada ocupação são classificados pela renda média da mesma.

Sem dúvida, este procedimento é adequado para a análise do “status” das diversas ocupações e situações ocupacionais, constituindo-se em interessante linha de pesquisa que estamos desenvolvendo.

Entretanto, a experiência nos demonstrou que o mesmo procedimento revela-se bastante problemático quando adotado na construção da estrutura social dos indivíduos ocupados. E isto porque ao se tomar os indivíduos pela situação média das suas respectivas ocupações, desconsidera-se a grande e crescente heterogeneidade que se verifica no interior de cada ocupação.

Para tornar mais claro este aspecto muito importante da metodologia vamos ilustrá-lo com o exemplo dos professores assalariados do ensino superior. Como foi apresentado anteriormente, os 208 mil indivíduos que compõem este grupo situam-se em seu conjunto na alta classe média, com um rendimento médio declarado de R\$ 4.290. Todavia, quando classificados individualmente encontramos apenas 120 mil nesta camada (R\$ 5.989), 43 mil na média classe média (R\$ 2.229) e 24 mil na baixa classe média (R\$ 1.033). Os 20 mil indivíduos restantes encontram-se divididos em grupos estatisticamente inexpressivos nas outras duas camadas e entre aqueles com rendimentos não declarados.

Por fim, se compararmos as duas estruturas sociais que resultam destes dois procedimentos, consolidando todos os grupos ocupacionais anteriormente apresentados, as distinções também ficam evidentes, como se verifica a seguir.

Tabela 6  
Estrutura social dos ocupados  
(classificados pela renda média da ocupação)  
Brasil – 2006

Estratos Sociais	Nº ocupados (mil)	%	Renda média (R\$)*	% Renda total
Alta classe média	3.464	4,0	4.422	18,3
Média classe média	8.921	10,4	2.139	23,3
Baixa classe média	39.630	46,3	847	41,7
Massa trabalhadora	27.124	31,7	439	14,9
Miseráveis	6.468	7,6	219	1,8
Total	85.607	100,0	940	100,0

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 7  
Estrutura social dos ocupados  
(classificados pela renda média dos indivíduos)  
Brasil – 2006

Estratos Sociais	Nº ocupados (mil)	% s/ign.	Renda média (R\$)*	% Renda total
Alta classe média	4.682	5,6	5.839	34,5
Média classe média	7.554	9,0	2.014	19,2
Baixa classe média	24.125	28,6	889	27,1
Massa trabalhadora	30.704	36,4	427	16,5
Miseráveis	17.237	20,4	123	2,7
Rendimentos ignorados	1.305	-	-	-
Total	85.607	100,0	940	100,0

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

De fato, a estratificação social obtida a partir da renda média das ocupações oculta a precariedade de uma parcela expressiva de indivíduos ocupados. Na estratificação com base nos rendimentos individuais aumenta significativamente a proporção de miseráveis e pobres da massa trabalhadora, com a correspondente redução da baixa classe média. No topo da pirâmide eleva-se a proporção de indivíduos na alta classe média e reduz-se em igual magnitude a média classe média.

Já no tocante à participação na renda total declarada, as discrepâncias entre as duas estratificações são ainda mais expressivas, com acentuada concentração na alta classe média.

Assim sendo, para a análise da estrutura social brasileira adotamos a estratificação com base nos rendimentos individuais, por considerarmos que ela reflete mais adequadamente a realidade social do país.

## A estratificação dos indivíduos ocupados

Apresentamos a seguir a estrutura ocupacional individual de cada um dos estratos sociais.

Tabela 8  
Estrutura ocupacional dos indivíduos com padrão de  
Alta Classe Média  
Brasil – 2006

Grupos Ocupacionais	Nº ocupados (mil)	%	Rd.média (R\$)*
<b>A-1 Empregadores (&gt; 10)</b>	<b>296</b>	<b>6,3</b>	<b>9.467</b>
<b>A-2 Empregadores (&lt;= 10)</b>	<b>967</b>	<b>20,7</b>	<b>6.356</b>
<b>C Colarinhos brancos autônomos</b>	<b>595</b>	<b>12,7</b>	<b>5.582</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	97	16,3	4.514
2410 Advogados	87	14,6	6.855
3541 Repres Com e Téc de Vend	70	11,8	5.759
<b>D Colarinhos brancos assalariados</b>	<b>2.433</b>	<b>52,0</b>	<b>5.489</b>
1320 Ger Áreas de Apoio	195	8,0	5.771
1310 Ger Prod e Oper	156	6,4	5.531
2231 Médicos	129	5,3	7.486
2340 Prof Ens Superior	120	4,9	5.989
3514 Serventuár da Just e Afins	82	3,3	4.861
2522 Contadores e Auditores	72	3,0	6.575
4110 Escrit,Ag,Assist e Axl Adm	71	2,9	4.614
2321 Prof Ens Médio	66	2,7	4.155
2124 Analistas de Sistemas	63	2,6	5.077
1123 Dir Áreas Apoio Adm Púb	62	2,6	5.899
2142 Eng Civis e Afins	57	2,3	5.669
2410 Advogados	52	2,2	6.235
<b>F Trabalhadores Autônomos</b>	<b>173</b>	<b>3,7</b>	<b>4.171</b>
7825 Cond Veíc Sob RD(Distr de Merc)	51	29,4	4.211
7823 Cond Veíc Sob Rodas(Tran Part)	19	11,2	4.038
7820 Condução e Op Poliv	11	6,1	4.302
<b>G Trabalhadores Assalariados</b>	<b>128</b>	<b>2,7</b>	<b>4.174</b>
<b>Demais grupos ocupacionais</b>	<b>91</b>	<b>1,9</b>	<b>5.107</b>
<b>Total</b>	<b>4.682</b>	<b>100,0</b>	<b>5.839</b>

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Como se observa, o principal canal de acesso ao restrito “padrão de vida” de **alta classe média** reside no trabalho assalariado em ocupações típicas de “colarinhos brancos” (52% dos ocupados), ao qual se agregam os autônomos (13%). Entretanto, também é expressiva a participação dos micro e pequenos empresários (27%).

Embora em níveis bastante reduzidos merece registro a presença de trabalhadores de perfil “operário”, tanto assalariados como autônomos, entre os quais se destacam várias modalidades de motoristas.

Na **média classe média**, os colarinhos brancos assalariados também são predominantes e em proporção idêntica à da alta classe média (52% dos ocupados). Porém, reduz-se a participação dos autônomos (10%) e dos micro e pequenos empresários (14%). Por outro lado, cresce a presença de uma camada diferenciada de trabalhadores seja na situação de assalariados (10%) ou de autônomos (9%). E aqui, novamente, chama atenção as diversas modalidades de motoristas.

Por fim, cabe apontar um reduzido segmento de pequenos agricultores familiares.

Na **baixa classe média** o destaque fica por conta do fato de que a participação conjunta dos colarinhos brancos assalariados (38%), autônomos (6%) e micro e pequenos empresários (4%) é inferior à proporção de trabalhadores de perfil “popular”.

Além de trabalhadores assalariados (29%) e autônomos (12%), atingem este padrão de vida segmentos de empregadas domésticas (3,5%) e ocupações agrícolas (7%).

Como era de se esperar, na **massa trabalhadora** (pobre) os trabalhadores assalariados (34%) e autônomos (10,5%) são predominantes em seu conjunto. Entretanto, deve-se destacar a elevada participação de colarinhos brancos assalariados (25%). Ao lado dos autônomos (4%) e micro e pequenos empresários (1%), corporificam um expressivo contingente de “desclassificados”, que não atingem sequer o padrão mínimo de classe média. Sua expansão ao longo do período de estagnação econômica é um dos principais indicadores da profunda crise que assola a sociedade brasileira.

Por outro lado, ganha relevo um expressivo contingente de trabalhadores populares que escapam da miséria: empregadas domésticas (10%) e ocupações agrícolas (15%).

Tabela 9  
Estrutura ocupacional dos indivíduos com padrão de  
Média Classe Média – Brasil – 2006

Grupos Ocupacionais	Nº ocupados (mil)	%	Rd.média (R\$)*
<b>A-1 Empregadores (&gt; 10)</b>	<b>117</b>	<b>1,5</b>	<b>2.100</b>
<b>A-2 Empregadores (&lt;= 10)</b>	<b>957</b>	<b>12,7</b>	<b>2.042</b>
<b>C Colarinhos brancos autônomos</b>	<b>776</b>	<b>10,3</b>	<b>2.012</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	250	32,2	1.946
3541 Repres Com e Téc de Vend	95	12,2	2.014
2410 Advogados	62	8,0	2.149
<b>D Colarinhos brancos assalariados</b>	<b>3.931</b>	<b>52,0</b>	<b>2.034</b>
4110 Escrit,Ag,Assist e Axl Adm	246	6,3	2.004
1320 Ger Áreas de Apoio	208	5,3	2.105
2313 Prof Nv SP 5ª A 8ª Sér Ens Fund	206	5,2	2.028
1310 Ger Prod e Oper	181	4,6	2.062
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	180	4,6	1.911
2321 Prof Ens Médio	130	3,3	2.019
3541 Repres Com e Téc de Vend	125	3,2	2.009
0413 Cabos e Soldad da Pol Militar	110	2,8	1.979
3222 Téc e Auxil de Enfermagem	86	2,2	1.978
3514 Serventuár da Just e Afins	74	1,9	2.252
2394 Progr, Aval e Orien de Ens	73	1,8	2.044
1123 Dir Áreas Apoio Adm Púb	63	1,6	2.097
2312 Prof NV SP 1ª A 4ª Sér Ens Fund	63	1,6	2.038
4101 SPV Serv Adm(-Contab e Contr)	58	1,5	2.075
3312 Prof Nv Md no Ens Fundam	58	1,5	1.908
2522 Contadores e Auditores	56	1,4	2.053
1220 Dir Áreas Prod e Oper	50	1,3	2.114
<b>F Trabalhadores Autônomos</b>	<b>689</b>	<b>9,1</b>	<b>1.952</b>
7825 Cond Veíc Sob RD(Distr de Merc)	109	15,8	2.011
7823 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Part)	82	11,9	2.012
5161 Trab nos Serv de Hig e Embel	61	8,8	1.941
5243 Vendedores Ambulantes	58	8,5	1.900
<b>G Trabalhadores Assalariados</b>	<b>788</b>	<b>10,4</b>	<b>1.936</b>
7825 Cond Veíc Sob RD(Distr de Merc)	100	12,7	1.911
7212 Prep e Op Máq-Ferram Convenc	45	5,7	2.102
5174 Guardas e Vigias	42	5,4	1.873
7820 Conduç e Op Poliv	37	4,7	1.931
7824 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Colet)	29	3,6	1.910
7823 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Part)	28	3,5	1.898
<b>H-1 Proprietários Conta Própria - Agrícolas</b>	<b>178</b>	<b>2,4</b>	<b>2.007</b>
<b>Demais grupos ocupacionais</b>	<b>117</b>	<b>1,5</b>	<b>1.907</b>
Total	<b>7.554</b>	<b>100,0</b>	<b>2.014</b>

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 10  
Estrutura ocupacional dos indivíduos com padrão de  
Baixa Classe Média

Grupos Ocupacionais	Nº ocupados (mil)	%	Rd.média (R\$)*
<b>A-1 Empregadores (&gt; 10)</b>	<b>53</b>	<b>0,2</b>	<b>1.058</b>
<b>A-2 Empregadores (&lt;= 10)</b>	<b>961</b>	<b>4,0</b>	<b>981</b>
<b>C Colarinhos brancos Autônomos</b>	<b>1.469</b>	<b>6,1</b>	<b>931</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	713	48,5	923
7102 SPV da Construção Civil	144	9,8	833
<b>D Colarinhos brancos Assalariados</b>	<b>9.180</b>	<b>38,1</b>	<b>922</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	1.178	12,8	841
4110 Escrit,Ag,Assist e Axl Adm	976	10,6	890
2313 Prof NV SP 5ª A 8ª Sér Ens Fund	354	3,9	1.013
3222 Téc e Auxil de Enfermagem	323	3,5	939
5173 Vigil e Guardas de Segurança	289	3,1	847
4141 Almojarifes e Armazenistas	286	3,1	841
1310 Ger Prod e Oper	279	3,0	970
4221 Recepcionistas	261	2,8	828
1320 Ger Áreas de Apoio	252	2,7	1.017
3541 Repres Com e Téc de Vend	233	2,5	909
4121 Secret de Exped e Estenógr	229	2,5	884
3312 Prof NV MD no Ens Fundam	220	2,4	956
<b>F Trabalhadores Autônomos</b>	<b>2.889</b>	<b>12,0</b>	<b>877</b>
7152 Trab de Est de Alvenaria	526	18,2	828
5243 Vendedores Ambulantes	296	10,2	869
5161 Trab nos Serv de Hig e Embel	260	9,0	919
5134 Garçons,Barmen e Copeiros	155	5,4	913
7823 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Part)	144	5,0	928
7166 Pint Obras e Rev de Int	140	4,8	859
7825 Cond Veíc Sob RD(Distr de Merc)	131	4,5	977
<b>G Trabalhadores Assalariados</b>	<b>6.923</b>	<b>28,7</b>	<b>849</b>
7825 Cond Veíc Sob RD(Distr de Merc)	593	8,6	891
5174 Guardas e Vigias	450	6,5	840
5142 Trb SV Man e Cnsv Edif e Logr	358	5,2	800
7824 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Colet)	259	3,7	977
7820 Condu e Op Poliv	248	3,6	896
5132 Cozinheiros	246	3,5	799
7152 Trab de Est de Alvenaria	223	3,2	789
9144 Mec Man Veíc Automotores	202	2,9	889
5134 Garçons,Barmen e Copeiros	174	2,5	814
7823 Cond Veíc Sobr Rodas(Tran Part)	169	2,4	910
<b>I Trabalhadores Domésticos</b>	<b>843</b>	<b>3,5</b>	<b>797</b>
<b>H-1 Proprietários Conta Própria – Agrícolas</b>	<b>782</b>	<b>3,2</b>	<b>881</b>
<b>H-3 Assalariados Agrícolas</b>	<b>608</b>	<b>2,5</b>	<b>787</b>
<b>J-2 Trabalhadores Não Remun. – Agrícolas</b>	<b>299</b>	<b>1,2</b>	<b>840</b>
<b>Demais grupos ocupacionais</b>	<b>117</b>	<b>0,5</b>	<b>934</b>
<b>Total</b>	<b>24.125</b>	<b>100,0</b>	<b>889</b>

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 11  
Estrutura ocupacional dos indivíduos com padrão de  
Massa Trabalhadora

Grupos Ocupacionais	Nº ocupados (mil)	%	Rd.média (R\$)*
<b>A-2 Empregadores (&lt;= 10)</b>	<b>325</b>	<b>1,1</b>	<b>449</b>
<b>C Colarinhos brancos Autônomos</b>	<b>1.107</b>	<b>3,6</b>	<b>427</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	617	55,7	425
7102 SPV da Construção Civil	129	11,7	432
<b>D Colarinhos brancos Assalariados</b>	<b>7.690</b>	<b>25,0</b>	<b>440</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	1.853	24,1	433
4110 Escrit,AG,Assist e AxI Adm	764	9,9	445
4211 Cx e Bilhet(Exc Cx de Banco)	420	5,5	439
4221 Recepcionistas	419	5,4	439
4121 Secret de Exped e Estenógr	297	3,9	437
4141 Almojarifes e Armazenistas	289	3,8	458
3312 prof NV MD no Ens Fundam	244	3,2	429
3522 Ag da Saúde e do M Amb	231	3,0	412
5173 Vigil e Guardas de Segurança	154	2,0	468
<b>F Trabalhadores Autônomos</b>	<b>3.218</b>	<b>10,5</b>	<b>423</b>
7152 Trab de Est de Alvenaria	496	15,4	429
5243 Vendedores Ambulantes	493	15,3	419
5161 Trab nos Serv de Hig e Embel	275	8,5	418
7632 Op Máq de Cost de Roupas	180	5,6	424
7166 Pint Obras e Rev de Int	142	4,4	432
5134 Garçons,Barmen e Copeiros	132	4,1	435
<b>G Trabalhadores Assalariados</b>	<b>10.318</b>	<b>33,6</b>	<b>432</b>
5142 Trb Sv Man e Cnsv Edif e Logr	1.592	15,4	419
7170 Ajudantes de Obras Civis	764	7,4	407
5132 Cozinheiros	668	6,5	430
5174 Guardas e Vigias	526	5,1	443
5134 Garçons,Barmen e Copeiros	429	4,2	425
7632 Op Máq de Cost de Roupas	422	4,1	436
5199 Out Trabal dos Serv	383	3,7	418
7832 Trab Cargas e Descarg Merc	382	3,7	430
7841 Trab Embal e Etiquet	286	2,8	434
7152 Trab de Est de Alvenaria	247	2,4	443
5221 Reposit,Remarc do Com	202	2,0	443
5141 Trab Serv de Adm de Edif	199	1,9	420
<b>I Trabalhadores Domésticos</b>	<b>3.186</b>	<b>10,4</b>	<b>407</b>
<b>H-1 Proprietários Conta Própria – Agrícolas</b>	<b>1.145</b>	<b>3,7</b>	<b>433</b>
<b>H-3 Assalariados Agrícolas</b>	<b>2.053</b>	<b>6,7</b>	<b>410</b>
<b>J-2 Trabalhadores Não Remun - Agrícolas</b>	<b>1.411</b>	<b>4,6</b>	<b>380</b>
<b>Demais grupos ocupacionais</b>	<b>251</b>	<b>0,8</b>	<b>398</b>
<b>Total</b>	<b>30.704</b>	<b>100,0</b>	<b>427</b>

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Tabela 12  
Estrutura ocupacional dos indivíduos com padrão de Miseráveis

Grupos Ocupacionais	Nº ocupados (mil)	%	Rd.média (R\$)*
<b>C Colarinhos brancos autônomos</b>	<b>703</b>	<b>4,1</b>	<b>157</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	407	57,9	162
2625 Des Ind,Escult,Pint e Afins	119	16,9	144
3331 Inst e Prof de Esc Livres	54	7,7	113
<b>D Colarinhos brancos assalariados</b>	<b>1.125</b>	<b>6,5</b>	<b>184</b>
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	381	33,9	175
4110 Escrit,Ag,Assist e Axl Adm	74	6,6	193
4221 Recepcionistas	49	4,3	182
3312 Prof Nv Md no Ens Fundam	46	4,1	213
<b>F Trabalhadores Autônomos</b>	<b>2.475</b>	<b>14,4</b>	<b>154</b>
5243 Vendedores Ambulantes	427	17,3	156
5161 Trab nos Serv de Hig e Embel	263	10,6	157
7681 Trb Artes da Tecel(Tec e Tapt)	148	6,0	103
5199 Out Trabal dos Serv	141	5,7	146
7632 Op Máq de Cost de Roupas	134	5,4	158
7152 Trab de Est de Alvenaria	125	5,0	192
5241 Vendedores a Domicílio	117	4,7	135
5192 Catadores de Sucata	111	4,5	132
7633 Op Máq de Cost-Acab de Roupas	91	3,7	153
5169 Tint,Lav e Afns,à Máq e à Mão	79	3,2	131
<b>G Trabalhadores Assalariados</b>	<b>2.064</b>	<b>12,0</b>	<b>173</b>
7170 Ajudantes de Obras Civis	314	15,2	177
5199 Out Trabal dos Serv	173	8,4	167
5142 Trb Sv Man e Cnsv Edif e Logr	160	7,8	180
5134 Garçons,Barmen e Copeiros	119	5,7	177
7832 Trab Cargas e Descarg Merc	104	5,0	178
5132 Cozinheiros	86	4,2	185
5243 Vendedores Ambulantes	83	4,0	132
9144 Mec Man Veíc Automotores	78	3,8	161
<b>I Trabalhadores Domésticos</b>	<b>2.620</b>	<b>15,2</b>	<b>161</b>
<b>J-1 Trabalhadores Não Remun. – Urbano</b>	<b>1.217</b>	<b>7,1</b>	<b>11</b>
<b>H-1 Proprietários Conta Própria – Agrícolas</b>	<b>1.395</b>	<b>8,1</b>	<b>142</b>
<b>H-2 Trabalhadores Autônomos Agrícolas</b>	<b>219</b>	<b>1,3</b>	<b>140</b>
<b>H-3 Assalariados Agrícolas</b>	<b>1.627</b>	<b>9,4</b>	<b>173</b>
<b>J-2 Trabalhadores Não Remun – Agrícolas</b>	<b>3.712</b>	<b>21,5</b>	<b>28</b>
<b>Demais grupos ocupacionais</b>	<b>81</b>	<b>0,5</b>	<b>182</b>
<b>Total</b>	<b>17.237</b>	<b>100,0</b>	<b>123</b>

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Entre os **miseráveis** o predomínio fica com as ocupações agrícolas, que representam 40% deste estrato social. Todavia, também é expressiva a participação dos trabalhadores autônomos (14%) e assalariados (12%) e das empregadas domésticas (15%).

Ainda que em menor proporção do que se verifica na massa trabalhadora pobre, chama atenção os quase 11% de colarinhos brancos desclassificados que se encontram neste estrato social. Por fim, é relativamente significativa a presença de trabalhadores não remunerados atuando no pequeno negócio familiar urbano (7%).

Já examinadas as estruturas ocupacionais dos cinco estratos sociais adotados em nossa metodologia, cabe finalmente apresentar um segmento de indivíduos ocupados que informam sua ocupação e situação ocupacional mas que não declaram seus rendimentos, aqui denominados de “rendimentos ignorados”.

Como se observa na tabela a seguir, 50% dos que se encontram nesta situação são colarinhos brancos, 25% trabalhadores, 13% micro e pequenos empresários e 8% ocupações agrícolas.

Tabela 13  
Estrutura ocupacional dos indivíduos com rendimentos ignorados  
Brasil – 2006

Grupos Ocupacionais	Nº ocupados (mil)	%	Rd.média (R\$)*
A-1 Empregadores (> 10)	35	2,7	-
A-2 Empregadores (<= 10)	142	10,9	-
C Colarinhos brancos Autônomos	142	10,9	-
D Colarinhos brancos Assalariados	517	39,6	-
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	51	9,9	-
F Trabalhadores Autônomos	148	11,4	-
G Trabalhadores Assalariados	178	13,6	-
I Trabalhadores Domésticos	35	2,7	-
J-1 Trabalhadores Não Remun. - Urbanos	3	0,2	-
H-1 Proprietários Conta Própria - Agrícolas	79	6,1	-
H-2 Trabalhadores Autônomos Agrícolas	2	0,1	-
H-3 Assalariados Agrícolas	22	1,7	-
J-2 Trabalhadores Não Remun. - Agrícolas	2	0,1	-
Total	1.305	100,0	-

### Indivíduos não ocupados e com rendimentos

Até este momento trabalhamos com o conjunto dos indivíduos ocupados. Contudo, existe ainda um expressivo contingente de 22,1 milhões de pessoas (equivalentes a 26% do total de ocupados) que não estão ocupados na semana do inquérito mas auferem rendimentos e que, obviamente, devem ser contemplados na construção da estrutura social. Eles se compõem de 1,2 milhão de desempregados que já trabalharam (e portanto declaram sua ocupação anterior) e de 20,9 milhões de indivíduos sem ocupação mas com renda (predominantemente aposentados e pensionistas).

Em seguida apresentamos a estratificação destes dois grupos.

Tabela 14  
Estrutura ocupacional dos indivíduos desempregados que já trabalharam, com renda  
Brasil – 2006

Estratos sociais/Grupos ocupacionais	Nº pessoas (mil)	% S/ign.	Rd.média (R\$)*
Alta classe média	9	0,7	6.796
Média classe média	34	2,9	2.002
Baixa classe média	124	10,6	903
Massa trabalhadora	286	24,4	406
5121 Trab Serv Dom em Geral	42	14,8	395
Miseráveis	720	61,4	106
5121 Trab Serv Dom em Geral	233	32,3	96
5211 Vend e Demons em Loj ou Merc	49	6,8	124
5142 Trb SV Man e CNSV Edif e Logr	45	6,2	94
Rendimentos ignorados	6	-	-
Total	1.179	100,0	369

\*Preços de out.2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Entre os desempregados que já trabalharam predominam aqueles situados no estrato associado aos miseráveis (61%), com destaque para empregadas domésticas, comerciários e trabalhadores na conservação de edifícios.

Também é expressiva a massa trabalhadora (24%), onde igualmente se destacam as empregadas domésticas, e a baixa classe média (11%).

Pela sua própria natureza não é possível construir a estrutura ocupacional dos indivíduos sem ocupação mas com renda. Assim sendo, eles são estratificados apenas com base nos rendimentos declarados, como se apresenta a seguir.

Tabela 15  
Estrutura ocupacional dos indivíduos sem ocupação com renda  
Brasil – 2006

Estratos Sociais	Nº pessoas (mil)	% S/ign.	Rd.média (R\$)*
Alta classe média	707	3,4	5.454
Média classe média	1.409	6,8	1.981
Baixa classe média	4.347	21,0	924
Massa trabalhadora	10.040	48,5	386
Miseráveis	4.199	20,3	87
Rendimentos ignorados	187	-	-
Total	20.888	100,0	720

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Como se nota, a maior concentração ocorre na massa trabalhadora (49%) que em conjunto com os miseráveis (20%) alcançam o expressivo contingente de quase 70% dos indivíduos nesta condição. Também merece destaque a participação do estrato associado à baixa classe média com 21%.

### Total dos indivíduos que declaram rendimentos

A agregação dos indivíduos ocupados e dos não ocupados com rendimentos conforma o conjunto das pessoas que declaram rendimentos à PNAD, com a seguinte estratificação social.

Tabela 16  
Estratificação dos indivíduos que declaram rendimentos à PNAD  
Brasil – 2006

Estratos sociais	Nº pessoas (mil)	% s/ign.	Renda média (R\$)*	% Renda total
Alta classe média	5.397	5,0	5.790	33,1
Média classe média	8.997	8,3	2.008	19,1
Baixa classe média	28.596	26,4	894	27,0
Massa trabalhadora	41.031	37,9	417	18,1
Miseráveis	24.178	22,3	106	2,7
Rendimentos ignorados	1.497	-	-	-
Total	109.696	100,0	874	100,0

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

## **2 A estratificação familiar**

Concluída a construção da estratificação individual, o próximo passo metodológico é a definição dos critérios para a estratificação familiar, agregando – quando existirem – os diversos membros de uma mesma família que declaram rendimentos e incluindo os demais membros. Com isso, englobamos toda a população e podemos nos aproximar da estrutura social.

Aqui também tentamos vários caminhos ao longo do tempo, pois nos demos conta de que a forma usual de estratificar as famílias a partir de faixas fixas de renda per capita implica em sério viés demográfico.

Em poucas palavras, ao longo do período que se inicia em 1981, ponto de partida de nosso trabalho, a população cresce a taxas inferiores àquelas apresentadas pela renda total declarada. Com isso, a renda per capita (renda total dividida pela população) tende a elevar-se ao longo do tempo por força deste comportamento demográfico. Como em geral trabalha-se com linhas fixas de rendimentos per capita para estratificar a população, incorre-se no referido viés. Ou seja, a estrutura social apresenta uma tendência de melhora, retraindo os estratos inferiores e expandindo os superiores ainda que a renda total e o PIB estejam estagnados.

Este viés também pode ser captado pelo ângulo da renda familiar. Por um lado, observa-se um forte crescimento no número de famílias, provocando uma tendência de declínio da renda familiar média (renda total dividida pelo número de famílias). Entretanto, ao longo do referido período, esta queda é mais do que compensada por uma mais acentuada redução do número médio de membros das famílias, novamente resultando na tendência de elevação da renda familiar per capita (renda média familiar dividida pelo número médio de membros).

No trabalho que sucede a este, onde apresentamos a evolução da estrutura social de 1981 a 2006, este comportamento será melhor ilustrado.

Para contornar este viés demográfico, que em nosso entender distorce a imagem da evolução social nesta fase de estagnação, terminamos por nos fixar em duas metodologias alternativas e complementares a seguir apresentadas.

### **Classificação da família segundo o membro melhor remunerado**

A primeira versão de estratificação familiar classifica cada família no “padrão de vida” do seu membro melhor situado na estratificação individual, independente dos

outros parâmetro usuais, tais como, rendimentos familiares per capita ou renda média familiar.

Em nosso juízo, esta alternativa de estratificação pode ser particularmente indicada em estudos de mobilidade social, ao captar qualquer mudança significativa para melhor (ou pior) na situação dos membros da família. Ou seja, se algum membro supera os demais na escala individual, toda a família melhora de posição. Por outro lado, se o membro melhor situado perde posição, a família toda é rebaixada.

Os resultados destes procedimentos são apresentados a seguir, cabendo esclarecer que nas estruturas familiares introduzimos um novo estrato social denominado “indigentes”, que engloba as famílias sem nenhum membro ocupado e sem rendimentos.

Tabela 17  
Estratificação social da população segundo o membro melhor situado da família  
Brasil – 2006

Estratos sociais	% pessoas	Renda per capita (R\$)*
Alta classe média	7,8	2.483
Média classe média	11,9	895
Baixa classe média	34,7	417
Massa trabalhadora	34,4	202
Miseráveis	9,6	62
Indigentes	1,7	
Total	100,0	519

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Confrontando esta estrutura familiar com aquela do total dos indivíduos declarantes (p. 24), evidencia-se o melhor perfil da pirâmide familiar.

De fato, percebe-se claramente que na agregação familiar o espaço social ocupado pelos miseráveis na base da pirâmide é expressivamente menor do que na estrutura individual. Com isso, crescem os espaços de todos os outros segmentos sociais, com destaque para aqueles de classe média (alta, média e baixa). Olhando de outra perspectiva, os indivíduos melhor situados “puxam” familiares que se encontram em estratos inferiores. Desta forma, a situação social de boa parte dos indivíduos que declaram renda à PNAD melhora quando são considerados seus vínculos familiares.

### Classificação da família segundo a “média das médias” da renda per capita

Além de considerarmos a primeira versão como a mais adequada para captar a mobilidade “potencial” das famílias, ela também pode servir como ponto de partida para introduzirmos o critério da classificação pela renda per capita sem incorrerem no mencionado viés demográfico.

Em poucas palavras, a renda per capita de cada estrato apurada pela primeira versão em **cada ano** (portanto, variável) serve de parâmetro para reclassificar as famílias: quem tem renda per capita igual ou superior a média permanece no estrato, quem tem rendimentos inferiores desce para a posição correspondente.

Porém, como a distribuição de famílias no interior dos estratos é fortemente concentrada na base, a adoção da renda per capita de cada estrato como linha de corte provocaria um exagerado estreitamento do topo da pirâmide. Procuramos contornar esta distorção adotando a “média das médias” dos estratos: a média entre a renda per capita do primeiro estrato e a do segundo servindo de linha de corte para o primeiro estrato; a média do segundo e do terceiro, para o segundo estrato; e assim sucessivamente.

Como este procedimento é realizado ano a ano, a linha de corte é **variável** de acordo com o comportamento efetivo da renda per capita, contornando o viés demográfico.

Ilustremos com os dados efetivamente apurados (p. 26).

Tabela 18  
Linhas de corte da estratificação social pelo método “média das médias”  
Brasil – 2006

Estratos sociais	Renda per capita (R\$)*	Linhas de corte “média das médias”
Alta classe média	2.483	$2.483 + 895 : 2 = 1.689$
Média classe média	895	$895 + 417 : 2 = 656$
Baixa classe média	417	$417 + 202 : 2 = 310$
Massa trabalhadora	202	$202 + 62 : 2 = 132$
Miseráveis	62	62
Total	519	

\*Preços de out. 2007, deflator: INPC corrigido, IPEA.

Explicado o significado do termo “média das médias”, abordemos agora outro componente desta alternativa de estratificação social, que é a regionalização das linhas de corte. Resumidamente, as diversas localidades definidas pela PNAD (26 estados e

10 regiões metropolitanas) foram agregadas segundo suas rendas per capita em três regiões. Em cada uma delas são calculadas as linhas de cortes pelo método “média das médias”, que são aplicadas em todas as localidades compreendidas pela mesma.

Apresentamos a seguir a composição das três regiões. A região A, com rendimentos mais elevados, abrange o Distrito Federal e os estados do sudeste e sul. Com a desagregação dos dados possibilitada pela PNAD a região A foi subdividida em: “A – regiões metropolitanas” (incluindo as regiões metropolitanas do Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre) e “A – demais localidades” (abrangendo o “interior” dos estados que possuem regiões metropolitanas e o total dos estados que não as possuem, a saber, Espírito Santo e Santa Catarina).

A região B, com níveis intermediários de rendimentos, abrange os estados do norte e centro oeste, além das 3 metrópoles do nordeste. Da mesma forma que procedemos na primeira região, ela foi subdividida em “B – regiões metropolitanas” (incluindo as regiões metropolitanas do norte e nordeste: Belém, Fortaleza, Recife e Salvador) e “B – demais localidades” (incluindo o “interior” do Pará e o total dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás).

Por fim, a região C, com níveis inferiores de rendimentos, contempla sem subdivisões o “interior” dos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia, além do total dos estados de Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe. Ou seja, abrange os estados do nordeste exceto suas regiões metropolitanas.

Apresentamos a seguir a estrutura regional de rendimentos per capita bem como da população.

Tabela 19  
Renda per capita e proporção populacional nas regiões adotadas  
2006

Estrutura regional	Renda per capita (R\$)*	% população
Região A – metrópoles	746	25,1
Região A – demais localidades	568	34,5
Região B – metrópoles	442	6,8
Região B – demais localidades	432	11,2
Região C	268	22,4
Total Brasil	519	100,0

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

A estratificação social com base nestes critérios é apresentada a seguir.

Tabela 20  
Estratificação social segundo a “média das médias” das rendas per capita  
Brasil – 2006

Estratos sociais	% pessoas	Renda per capita (R\$)*
Alta classe média	5,2	3.233
Média classe média	15,1	986
Baixa classe média	27,1	442
Massa trabalhadora	30,6	213
Miseráveis	20,3	80
Indigentes	1,7	-
Total	100,0	519

\*Preços de out. 2007, deflator:INPC corrigido, IPEA.

Confrontando estes dados com aqueles da agregação familiar segundo o membro melhor situado (p. 25), verifica-se que o ajuste pela renda per capita reduziu a proporção da alta classe média e ampliou a média classe média. Contudo, a soma destes dois estratos melhor situados é equivalente nos dois casos. Assim, a redução mais significativa ocorre na baixa classe média. Na outra extremidade, amplia-se consideravelmente a parcela dos miseráveis (sem, contudo, alcançar os níveis da agregação individual – p. 24). Por fim, a massa trabalhadora não destoa muito nestas duas agregações familiares.

Por outro lado, o ajuste pelo método da “média das médias” eleva a renda per capita de todos os estratos sociais, ao rebaixar de nível as famílias mais numerosas e elevar as menores, que se encontravam em estratos inferiores pela metodologia do membro melhor situado.

#### Referências bibliográficas

A DINÂMICA da classe média. In: DUPAS, Gilberto (Org.). *Espaços para o crescimento sustentado da economia brasileira*. São Paulo: Editora Unesp / IEEI, 2007.

DUPAS, Gilberto (Org.). *Espaços para o crescimento sustentado da economia brasileira*. São Paulo: Editora Unesp / IEEI, 2007.

MAIA, Alexandre Gori. *Espacialização de classes sociais no Brasil: uma nova dimensão para a análise da estrutura social*. Tese (Doutorado)–Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006. Biblioteca virtual.

MILLS, C. Wright. *A nova classe media (White collar)*. Rio de Janeiro : Zahar, 1969.

QUADROS, Waldir José de. *A nova classe média brasileira: 1950-1980*. Dissertação (Mestrado)–Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1985.

QUADROS, Waldir José de. *O “milagre brasileiro” e a expansão da nova classe media*. Tese (Doutorado)–Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991.

QUADROS, Waldir José de. *Aspectos da crise social no Brasil dos anos oitenta e noventa*. Tese (Livre-docência)–Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.